

APÊLO DOS ANARQUISTAS DA CORÉIA

(VER 3.ª PÁGINA)

AÇÃO DIRETA



Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador: MANUEL PERES

ANO VI — N.º 82

Rio de Janeiro, Setembro de 1952

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.588

O PARLAMENTARISMO SALVARÁ O BRASIL?

Onde a mentalidade de um político e a de um motorista se equivalem

Vários políticos, o sr. Raul Pila, deputado, à frente, arvoram o estandarte parlamentarista para salvar o Brasil. De todos os únicos meios de salvação, este é, para os neo-parlamentaristas, o mais único, o super-único. Para outro deputado, Aliomar Baleeiro, esse poder salvador do regime parlamentarista é óbvio, evidente, entra-pelos-olhos; mas, para o vulgo brasileiro, displicente ou já decepcionado com todos os tipos salvacionistas, é mister muito zabumba, muita matraca, muito reco-reco, a fim de infundir, nos cérebros esclerosados da maioria, essa inconclusiva e inconclusível verdade.

Para nós, anarquistas, os sapientes parlamentares, abarrotados das múltiplas feições do direito, com o minúsculo ou com o D maiúsculo, não revelam maior consciência que a manifestada por um desalentado motorista de cuja conversa com um colega apanhamos uns fiapinhos. Lamenta-se ele de ter perdido seu tempo e enrouquecido as gúelras a gritar: "Queremos Getúlio!". O Getúlio prometeu, prometeu e acaba não fazendo nada e ainda nomeando o sr. Estrela para dirigir o tráfego! Disse cobras e lagartos do Estrela e proferiu estas autênticas palavras: "Minha vontade é rasgar esta porqueira de título de eleitor! Só ainda não rasguei porque tenho confiança no Ademar!".

Significa isso que o motorista apeou no seu bestunto um ídolo, mas tratou logo de erguer outro. Caiu Getúlio Erga-se Ademar! Em vez de colher ensinamentos da lição aprendida, a de que não prestando um oga, outro qualquer não prestará, afunda na credenciada estúpida do protestante que vira católico ou, vice-versa, do católico feito protestante para adorarem o mesmo, jamais visto, Deus.

O sr. Pila ou o sr. dr. Baleeiro fazem a mesmissima operação religiosa. Desiludidos de um manipão, o presidencialismo, apelam para outro manipão, o parlamentarismo.

E toca de comparar as virtudes do último com as gafas do outro, de todo esquecidos da história pátria e dos exemplos da estranha.

Uma das serrazinas dos velhos abolicionistas e republicanos era a ruína do regime democrático, parlamentar, do império. Diziam dele o que Mafoma não disse do toucinho e apontavam como salvador único o presidencialismo. Gritavam de doer contra o poder pessoal do Imperador, precisamente como gritam hoje os Pilas contra o poder pessoal dos presidentes.

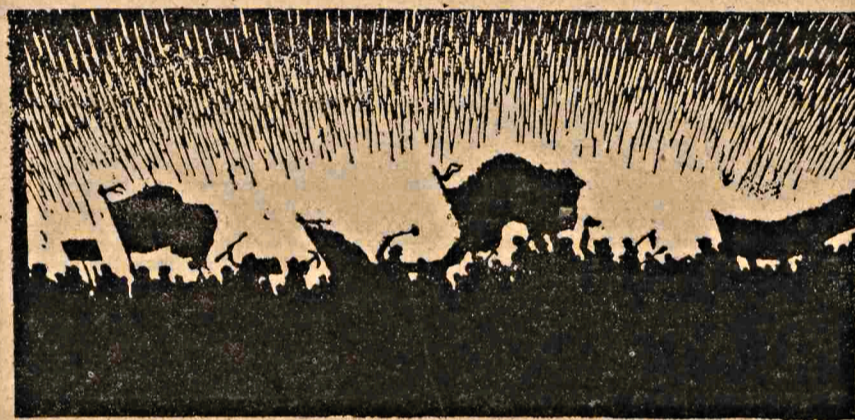
Demais, se a governação inglesa, parlamentarista, pode ainda iludir alguém, não parece merecedora de entusiasmo a governança francesa. Em França, clamam e reclamam contra o sistema parlamentarista, fator de tremendas e permanentes crises políticas, enervantes e piores que sarnas.

Se esses finos cavalheiros pensassem um pouquinho lá com seus botões e não se achassem atolados até os olhos no lodaçal político e jurídico, haveriam de cair em si talvez com esta grande exclamação: "Querem ver que nem um nem o outro preziam? Querem ver que essa história de democracia é pura mentira carioca? E nós a fazermos o mesmissimo papel de católicos e muçulmanos que se mataram durante séculos, e ainda se matam hoje, por dois mitos: Jeová e Alá! Será possível que ainda não hajamos compreendido que nem parlamentarismo, nem presidencialismo, nem bolchevismo, nem fascismo, poderão salvar ninguém?"

Que fazer, todavia, se os ilustrados cavalheiros de gravata caríssima têm a mesma mentalidade do motorista, a do idôlatra confiante sempre num papai do céu!

Morreu Getúlio? Viva Ademar!

BAKUNIN E O MARXISMO (VER 2.ª PÁG.)



O Trabalhador na Concepção do Estado

Por ORFEU DO VALE

No programa demagógico de um 1.º de MAIO, dia em que os trabalhadores comemoram, rememorando em protesto, a tragédia de Chicago (onde tombaram, assassinados pelas autoridades do poder, líderes do operariado unido), as autoridades estatais, desvirtuando o significado da data e da comemoração (e isto no mundo inteiro), conseguiram inverter o significado da festa de 1.º de MAIO; em vez de ser uma exaltação da classe aos mártires da união operária contra a exploração dos patrões e do Estado, hoje uma irônica manifestação cordial à submissão do trabalhador. Nela rendem, estes, homenagens aos carrascos. Pois bem, numa dessas festas, a homenagem do governo ao trabalhador era consagrar-lhe uma estátua. A obra foi feita e também inaugurada.

A obra do escultor CELSO MENEZES é digna de consagração pelos trabalhadores porque bem lhes esclarece a verdadeira concepção que o Estado e os seus patrões deles têm. Para chegar àquela perfeição da idéia que têm os poderosos do escravizado trabalhador, o seu criador deve ter externado um dos dois sentimentos: colocado ao lado do Estado, vivendo e sentindo como os poderosos, externou seu verdadeiro sentimento e idéia; se, colocado ao lado do trabalhador, procurou reproduzir aquilo que o Estado vê, como sendo o trabalhador, aquele ser que, apesar de humano, não pode ser seu semelhante e, então, aí, o artista se agiganta porque reproduziu na pedra uma idéia que tem existência real naqueles que o seviciam.

Analisemos a criação do escultor e veremos que é justamente a reprodução material da concepção dos poderosos sobre o seu escravo — o trabalhador. Senão vejamos: — em primeiro crivo impressionante, toda a figura é feita em contraste à pessoa humana, e isso porque o trabalhador não é igual ao seu dono, mas... tão somente criado à sua semelhança como foram eles, os poderosos, criados à semelhança do Deus, porém distintos. O trabalhador não pode ser alto, nem magro, o protótipo; antes, tem pouca altura e imensa largura dorsal no tórax, aspecto simiesco, acentuado fortemente pelo longo comprimento dos braços musculosos que vai deixar as mãos à altura dos joelhos, um pouquinho mais abaixo... A sua altura não tem 3 vezes a sua largura... O estômago saliente, representando a comida grosseira que ingere em quantidade. Sobre as pernas lhe cai um saco de anilagem, que bem lhe representa o vestuário adequado. Não pode usar camisas, nem gravatas um ser dessa natureza... Seu semblante é o de um demente... incapaz de raciocinar... Seus cabelos os de seus ancestrais africanos que para aqui vieram... Os poderosos não herdaram, em absoluto, tal mesclagem; procedem logicamente dos puros arianos. Talhou o artista o homenageado pelo que nele é aproveitado, pela função na sociedade, salientando seus pontos utilíssimos divulgando a cultura do bárbaro.

Aquela estátua à porta do MINISTÉRIO DO TRABALHO, o organismo estatal que codifica e regulariza a ex-

EVA PERÓN SÍMBOLO DEMAGÓGICO DA ARGENTINA FASCISTA!

Por PELORIANO MAIA

A LUTA E A POSIÇÃO LIBERTÁRIA

Nossa luta é revolucionária e não nacionalista ou partidária. Nossa luta tem um objetivo: não a conservação da democracia atual ou do comunismo à maneira soviética, porém a construção de um socialismo antiestatal, o único que pode salvar a liberdade e destruir o privilégio e a tirania.

Nossa posição é inconfundível: Somos contra Truman sem estarmos com Stalin; somos contra Stalin sem estarmos com Truman.

De pobre tornou-se rica, de atriz em "prima dona". Eis a história de uma dama que, movida por um grande amor a um homem cheio de poderes, nos leva a concluir ter sido seu amor consequência dos seus sonhos de grandeza e riqueza, tal a transformação havida nos seus hábitos, em suas atitudes e em suas idéias. EVA PERÓN é o seu nome e, aos pés de sua classe de origem, dedicou verdadeiro escárnio. Conhecia-lhe as lutas e miséria e possuía desse conhecimento, aventurou-se a lançar mão desses sofrimentos para acorrentar e manobrar aquela infeliz e esperanzada gente, sacrificando-os, com embustes e hipocrisias, em holocausto aos benefícios e recompensas recebidos do homem que amou e soubera conquistar. Legava ao homem aquilo de que ele precisava para a sua ambição de poder, a idolatria do rebanho que DESCAMISOU.

Subiu à mais alta esfera política, vinda da mais baixa; de escrava, a rainha... Desceu do tablado teatral, onde representava cenas fingidas... já passadas e por outros vividas ou imaginadas, para representar na comédia dos opressores e escravocratas da espécie humana, colaborando para procrastinar a FELICIDADE HUMANA.

Os atos de tirania das autoridades, tripudiando sobre a miséria e o mal estar social dos que são governados, receberam dela a sua integral colaboração, merecendo em troca a realização de seus desejos e sonhos.

A demagogia, que é o cânon da política, como é a estúpidez entorpecente o cânon da religião, está santificando-a, beatificando-lhe ainda as ações e obras ridículas.

Que tenha sido uma mulher que soube amar o seu eleito, que foi por tudo A RAZÃO DE SUA VIDA, não se nega; por ele lutou e por ele se sacrificou; a sua vida, sua pessoa, suas idéias e suas ações tresandavam a ambição de Perón. Para ela, o povo existia em função de Perón e não este em função daquele. Daí não ser a mártir de seu povo, como querem os demagogos, já que ela não amou a seu povo nem lutou pelo bem estar de seu povo, a grande luta que o mesmo sustenta em busca de sua liberdade e FELICIDADE, combatendo as opressões e as explorações política, econômica e religiosa. Porque, das duas uma, ou lutar pelo seu povo e amá-lo, ou amar e lutar por Perón, o seu impiedoso algoz.

Para os homens de Poder, os inconfundíveis exploradores do povo, que vivem pela usurpação da trilogia imbecil e criminoso: AUTORIDADE, DINHEIRO, CRENÇA, Eva Perón é a perfeita mártir, um ídolo, uma guia inspiradora. Mas... para aqueles que compõem a massa popular, os explorados trabalhadores e os livres e perseguidos pensadores, ela foi mais um carrasco, um flagelo humano.

(Continua na 2.ª pág.)

OS JURIS POPULARES

Os Juris populares, pura demagogia getuliana, vão no seu ramera barato julgando furtinho de cruzeiros na venda das batatas, de centavos na venda dos tomates. Lá uma vez por outra, finge condenar um comerciante que avançou muito o sinal.

A medida foi, evidentemente, mais uma tapeação do pai dos pobres: "Prometer, eu prometo...". A frase caiu nos palcos exprimindo a tremenda decepção do povo no seu papai zeloso. Ele imaginou a farsa de entregar ao povo (o povo nem sempre é imbecil!) o julgamento de seus exploradores.

Que exploradores? perguntarão todos boquiabertos!

E, como os escândalos de rinha crescem assustadoramente e mais proezas correm dos Jafés, dos Láfers, dos Bórgis, dos Ademares, de tutti quanti, os pinguiños dos juris populares, batem as asinhas curtas, empinam-se nas patas membranudas e gritam de artibentar: "Papai! papazinho! porque não nos mandas esses grandões para os julgarmos? Porque só nos despachas os pigmeusinhos sem eira nem beira? Estamos doidos por ter um desses Estanhões do peçoço!"

Mas papai nem sequer os ouve, ou, se os ouve, diz consigo: "Não posso, queridos! sou vosso papai; mas, deles, sou mamãe!"

O inquérito do Banco do Brasil e o dinheiro do trabalhador

Trabalhador! Que fazem do teu dinheiro?

Fazem o que nos revela o inquérito do Banco do Brasil. Só sabes do que fizeram porque um senhor, chamado José Bonifácio, usando de artes mágicas, conseguiu apoderar-se de uma das cópias do inquérito e publicá-las. Não fosse essa verdadeira traição do deputado mineiro ao regime capitalista, de que é sustentáculo, tu, misero trabalhador, estarias na suave ignorância do que andam fazendo os tubarões com teu suor e teu sangue.

O mais interessante nas revelações é uma frase da comissão do inquérito. Referindo-se ao levantado vulto

das negociatas, opinou que aquilo era uma gota d'água no oceano!

E nós o cremos piamente, porque sabemos, de ciência certa, certíssima, que, em toda a parte onde houver dinheiro, desde a mais alta antiguidade até hoje, há de haver ladrões, falsários, punquistas altos e baixos, dilapidadores, estelionatários, ministros trapaceiros, governantes ladravazes, esse tremendo Monte Carlo humano com gangsters de pistola em punho e banqueiros de manhas finas, que roubam à grande, mas à socapa.

Tudo isso, porque? trabalhador! Porque tu, produtor de tudo, vives dormindo, narcotizado, abetalhado pela política, pela ignorância, pela religião!

Não despertas, meu bobo! e, então, as ratazanas não cochilam. Avançam famintas nos teus haveres e deixam-te de tanga.

Tu, produtor, confias nos teus chefes, nos teus ídolos, Getúlio hoje, Ademar, amanhã; entregas os pulsos às suas algemas de ouro e te supões o mais protegido dos mortais. O que fizeste foi abrires mão do que é teu e depositares, nos armazéns dos teus mais firmes inimigos, o patrimônio com que sustentarias muito bem a ti e a tua família.

Se continuas a dormir, eles continuarão a roubar-te. Tão certo como não ser o Pão de Açúcar feito de chocolate.

FILOSOFIA DO ANARQUISMO

Por HERBERT READ

V

(Ver os números 76, 77, 78 e 79 de AÇÃO DIRETA)

A religião, depois de amadurecida, pode vir a constituir opio para o povo; mas, enquanto conserva a vitalidade, é a única força que o pode manter unido, suprimindo-o de autoridade natural que se sobrepõe a conflitos de interesses pessoais.

Refiro-me à religião como autoridade natural, mas, usualmente, a concebem como autoridade sobrenatural. É ela natural com relação à morfologia da sociedade, sobrenatural com relação à do universo físico. Opõe-se a religião, todavia, em qualquer desses aspectos, à autoridade artificial do Estado. O Estado somente adquire autoridade suprema quando a religião começa a decair, e a luta entre ele e a Igreja, quando, na moderna Europa tão decisivamente concluiu em favor do primeiro, é eventualmente fatal. Decorre da incapacidade do socialismo moderno de perceber essa verdade, apegando-se à mão morta do Estado, seu universal declínio em nossos dias. O aliado natural do socialismo era a Igreja, por pouco que tal perspectiva se afigurasse difícil no estado de cousas do século dezanove. Estava a Igreja tão corrompida, tão sob a égide das classes dominantes, que poucos puderam ver a realidade através das aparências e conceber no socialismo uma nova religião, uma nova reforma de cristianismo.

É matéria de dúvida a possibilidade de se encontrar um caminho que conduza, da antiga, à nova religião. Tantos compromissos tomou o cristianismo, que qualquer reforma suficientemente drástica se faz inconcebível. Uma nova religião haverá de tomar vulto paulatinamente, com o volver de nova organização social, ocorra ela no México, na Espanha, ou mesmo nos E. U. A.: difícil é dizer onde, pois o próprio germen de tal reestruturação social, cuja evidência ainda nenhuma se faz sentir, jaz oculto no porvir obscuro.

Não sou ressurrecionista cristão; não recomendo religião alguma, nem creio em nenhuma. Somente afirmo, estribado na evidência da história, ser a religião elemento necessário em qualquer organismo social. E sendo tão côscio do vagar com que se realiza o progresso espiritual, não me predisponho à procura de religião nova e, menos ainda, espero encontrar uma. Arriscar-me-ia somente a uma observação: quer nas suas origens, quer no seu desenvolvimento até o zênite, está a religião estreitamente ligada à arte. A não constituírem alternados modos de expressão, associam-se intimamente. Fora da natureza essencialmente estética do rito religioso e da dependência da religião sobre a arte na visualização de seus conceitos subjetivos, existe, igualmente, identidade entre as formas mais elevadas de expressão mística e poética. A poesia, nos seus momentos de maior intensidade e criação, sobe ao mesmo nível do misticismo inconsciente. Alguns dos maiores vates, quais São Francisco, Dante, Santa Tereza, São João da Cruz e Blake, contam-se igualmente entre poetas e místicos. Dá-se bem viável prevermos o decair de nova religião mais na arte que em qualquer forma de redenção moral.

Que tem tudo isso com anarquismo? Simplemente isto: tanto se ajasta o socialismo de Estado de sanções religiosas e se embala em lamentáveis subterfúgios de procura de substitutos para a religião, quanto, por outro lado, se revela o anarquismo, e não sem um certo pendor místico, uma religião em si mesmo. É possível, por assim dizer, conceber possibilidade de surgir, do próprio anarquismo, uma nova religião. Durante a guerra espanhola muitos observadores espantaram-se do fervor religioso entre os anarquistas. Naquela terra de renascimento latente inspirou o anarquismo não somente heróis, mas até mesmo santos: uma nova raça de gente dedicada, de corpo e alma, à criação de um novo tipo de sociedade humana.

QUANDO ÊLES DENUNCIAM O CRIME QUE PRATICAM !!!

O sr. Tristão de Athayde num de seus artigos em que se refere à sucessão presidencial Norte Americana, ocupa-se de duas figuras: Stevenson e general Mac Arthur. Quanto a esse último, considera-lhe o declínio da carreira militar. A convite do presidente da Companhia Remington Rand acaba de aceitar o cargo de diretor da mesma. Confirmando essa notícia, dizia o general que: "era um privilégio que Deus lhe dava terminar seus dias numa carreira construtiva, depois de ter passado toda a sua vida numa carreira destrutiva".

Passam a vida inteira propagando virtudes onde só crime existe e tanto é verdade que por fim acabam por confessá-lo. Tão negros e rudes que nem suas consciências oentias os suportam. Depois de terem assassinado milhões e arrastado outros tantos à orfandade e à viuvez vêm confessar o negrume de suas escabrosas escaramuças! Após todo esse desvario, o general recebe o fanel da justiça divina cuja sentença não é de todo pesada pois consta dum ordenadinho anual de 120.000 dólares. Fogosa sentença, general! Divina sentença! E os assassinados? Ah! tal gente, se a quiserdes ver, ide à vala comum e, nas caladas das noites, escutai-lhes o desespero dos gemidos; e na cozinha dos que ficam: o pranto e a miséria. Formidável mundo cristão!

NOTA de AÇÃO DIRETA — Esse ordenado de Mac Arthur equivale a 2.400.000 cruzeiros ou 2.400 contos anuais; quer dizer, a bagatela de 6.660 cruzeiros por dia. A providência divina protege evidentemente os generais cuja vida inteira foi destrutiva; mas, protege... à custa dos trabalhadores!!!

PONTO 31 (1) DA NOVELA E DO CONTO. DA FÁBULA

1. Já me referi, parece, à característica do romance; um entrelace de dramas. O assunto foi desenvolvido com a análise exemplificadora do romance As Minas de prata de José de Alencar (Ver Studia publicado pelo Colégio Pedro II, n. 1). Fácil é, depois, caracterizar a novela: apresentação de um só drama. Esse termo, drama é tomado em sentido latíssimo pois há novelas cômicas e heroico-cômicas, até pieças. Por esse critério, o único razoável e prático, a meu ver, teríamos de recatologar tais ficções. O d. Quixote seria pura novela heroico-cômica, considerado Sancho-Panza, como deve ser, mero comparsa na verdadeira história, tipo de referência, qual o expleque no meu ensaio sobre Hermes Fontes. Aqui, vou definir, com mais precisão, o conto.

2. No semanário D. Casimiro, de 15 de março de 1939, escrevi um artigo intitulado: Teoria do conto. Nêle, recordava o que já fizera Araripe Junior em 1894, na revista A Semana. Vale à pena recordar o que dizia esse célebre crítico: "O conto não é um gênero arbitrário, nem é, como muita gente pretende, um extrato, um esboço, um romance resumido. Esse gênero nasce de disposições particulares do espírito de quem o produz e tem uma forma imposta pela natureza da própria concepção. Na prosa, constitui uma das formas primitivas, e que não quer dizer que o conto tenha perdido os foros de cidade e deixasse de sofrer, como todos os gêneros literários, as transformações determinadas pelo meio e pelo incremento paralelo de todas as artes". E Araripe acentua bem que não se refere às lendas ou a histórias tradicionais.

3. Eis como Araripe Junior caracterizava o conto: "O conto é sintético e monocêntrico; o romance, analítico e sincrônico. O conto desenvolve-se no espírito como um fato pretérito, consumado; o romance como a atualidade dramática e representativa. No primeiro, os fatos filiam-se e percorrem uma direção linear; no segundo, apresentam-se no tempo e no espaço, reagem uns sobre os outros constituindo trama mais ou menos complicada. A forma do conto é a narrativa; a do romance, a figurativa. Desta maneira, quem examinar atentamente os livros de contos que circulam pelas livrarias verá que, na maior parte, eles não passam de começos de romances abortados, de aspectos físicos ou morais, deslocados, de livros por fazer, marinhas ou paisagens, perfis, páginas dispersas, que estão muito longe de realizar o tipo completo dessa espécie

Eva Perón

(Continuação da 1.ª página)

Aquêle que glorifica e cultua a obra de Francisco de Assis (o que a igreja santificou com a sua estupidez entorpecente para explorá-lo igual como a Jesus) não pode reverenciar a memória de Eva Perón. São dois opostos... Um despiu os mais ricos trajes vestindo-se franciscanamente, abdicou poderosa fortuna em prol dos ofendidos e humilhados, enquanto a outra, despiu seus simples trajes para ornar-se com os mais ricos trajes e ornamentos fabulosos adquiridos com o suor dos oprimidos e usurpados. Ambicionou e conquistou riqueza e poder.

É ridícula a certeza de que a obra de Francisco de Assis seja renegada por aquêles que o veneram e têm na obra de Eva Perón sua tranquilidade criminosa e seu BEM ESTAR indigno. A tão decantada obra de Jesus, que deu origem a esta nossa anticristã civilização, infame e sacriliga, é a negação incontestável da bondade e pureza de Eva Perón, que se resume na criação e esforço de uma obra por idolatria coletiva do homem amado, no seu egoísmo e vaidades cultivados em busca de poder e riqueza.

Alguém tencionará condenar-me;

mas, antes, que o faça, peço o seguinte: procurar substituir Eva Perón, na sua obra, por outros que igualmente cultuam pela grandeza e benemerência de sua obra humanitária, como sejam, Jesus, Francisco de Assis, Gandhi, etc. como mártires que são pela abnegação dedicada ao bem de seus povos e métodos de vida que demonstraram. Se conseguir isso, condene-me porque, contra um louco, ninguém argumenta, com um ego, ninguém discute a diversidade das cores...

Basta já de tanta hipocrisia e vituperios; é tempo de romperem a couraça que embrutece e insensibiliza suas consciências. A época não mais comporta tais imposições cretinas... Que vil narcótico adornece vosso raciocínio e coração, privando-vos da grandiosa e sublime razão da HUMANIDADE? Se a morte e o sofrimento angustiantes de uma infeliz mulher, que soube amar o seu amado, vos comove, porque, pergunto, PORQUE, não vos comove igualmente o sofrer tremendo e aviltante de milhares de seres humanos, vítimas de vossas criminosas concepções de VIDA SOCIAL e FELICIDADE HUMANA? — Quantos lares sem alimento e sem remédios

existem por aí, porque persistis em manter os erros e males vindos de um passado selvagem e bárbaro através de uma decantada tradição putrefata? Quantos seres humanos, velhos, mulheres e crianças vivem aprisionados em infetos e mortais cárceres, só porque persistis em manter a injusta e absurda acambaração que é a PROPRIEDADE PRIVADA? — Quanta miséria, quantas calamidades crimes e tragédias escabrosas se estão realizando, neste momento, só porque persistis vós, Senhores, em viver iludidos ou iludindo vossos semelhantes, explorando-os e martirizando-os, tão somente porque permanecis na torpe disciplina da tradição AUTORITÁRIA, na venal e protegida educação dos costumes???

Disse o messias dos cristãos, por certo o vosso venerado e divino Deus: "FELIZES OS QUE NÃO VIRAM E CRERAM", naquela época; hoje ele diria a todos vós: — FELIZES OS QUE NÃO SENTIRAM E VIRAM A SERVIDÃO HUMANA; AI DAQUELES QUE, SENTINDO A SERVIDÃO QUE INPUNHAM, VIVERAM DESSA SERVIDÃO SOBRE OS DEMAIS.

BAKUNIN E O MARXISMO

SOFISMAS AUTORITÁRIOS

Por GASTON LEVAL

Constituem a ausência de liberdade para a maioria e o excesso de liberdade para a minoria — para usar a terminologia de Bakunin — lei inerente ao socialismo autoritário? Indiscutivelmente. É bom insistir, uma vez mais, em que todas as razões teóricas inventadas pela metafísica dialética e que paralizam o entendimento dos simples, não resistem nem à evidência dos fatos nem ao julgamento do bom-senso.

"Perguntamos: se o proletariado se converte em classe dominante, sobre quem dominará? Permanecerá, pois, outro proletariado, submetido a essa nova dominação e a outro Estado. Tal é, por exemplo, o caso da massa camponesa que, sabido é, não goza da benevolência dos marxistas." (1)

A essa primeira seleção do socialismo autoritário segue outra: Que significa "o proletariado elevado à ordem de classe dominante?" Seria o proletariado inteiro que se poria à cabeça do governo? Há, aproximadamente, quarenta milhões de alemães; imaginem os marxistas, os quarenta milhões, membros do governo? O povo inteiro governará, e então não haverá governados. Mas então não haverá governo; não haverá Estado; enquanto houver governo, haverá governados, haverá escravos.

Sendo impossível o governo autoritário de toda a população por si mesma, é preciso encontrar uma tangente. O Marxismo, então, preconiza a eleição, por sufrágio universal, dos representantes do povo, dos gerentes do Estado, o que implica sempre uma minoria dominante e "tanto mais perigosa quanto aparece como expressão da vontade própria. Assim, de qualquer modo que se focalize o problema, chegamos sempre ao mesmo triste resultado: o governo da maioria das massas populares pela minoria privilegiada".

Raciocínio simples e claro. Demasiado, sem dúvida, para que se haja querido compreender-lo. Não obstante, fica a falsidade do governo popu-

lar desmascarada. Os aspirantes à ditadura, entretanto, não carecem de argumentos: a minoria governamental que atuará em nome do povo constará de trabalhadores. "Sim, por antigos trabalhadores, talvez, mas que tão pronto se hajam convertido em governantes ou em representantes do povo, deixarão de ser trabalhadores e olharão o povo trabalhador de cima para baixo, do alto de sua posição estatal; desde então, não representarão mais ao povo, mas a si próprios e às suas pretensões de querer governar o povo". Quem ponha dúvida, nada sabe da natureza humana."

Os eleitos serão militantes convictos, socialistas "científicos" quais se costumam denominar na social democracia alemã. Isso prova que não teremos verdadeiro Estado popular, porque os "científicos" não são gente do povo. Dizem-nos ainda que o Estado terá por missão educar o povo afim de fazê-lo capaz de organizar por si próprio, após o que, ele se abollará.

"Estamos diante de uma contradição patente. Se o Estado fosse verdadeiramente popular, para que abolir-lo? E, se o governo do povo é indispensável para a emancipação real do povo, como se atrevem a chamá-lo popular?"

Falta, nesse raciocínio, abundante roupagem de jargão científico e de erudição científica. Até parece truismo do vulgacho. Quantos passos em falso haveria, entretanto, evitado a humanidade, se houvesse sabido guiar-se segundo truismos dessa classe!

Afinal, tais homens seletos não farão mais que aplicar leis feitas pelo próprio povo, dizem. Bakunin recorda que já nos países democratas e capitalistas emanam as leis teoricamente do povo e

"quem quer que se negue voluntariamente a tomar as ficções por realidades acertará em reconhecer que, nesses países, o povo obedece não a leis feitas realmente por ele, mas a leis feitas em seu nome, e obedece a essas leis não tem para ele outro sentido senão o de submissão à arbitrariedade de uma minoria tutelar e governante,

ou, o que vem a dar na mesma, o de ser livremente escravo."

Ante todas as críticas opostas por Bakunin e seus amigos ao socialismo autoritário, ante sua análise do Estado e a refutação dos argumentos que justificam seu emprego, os próprios Marx e Engels acabaram por admitir, qual Lênine n'O Estado e a Revolução, que o Estado é incompatível com a liberdade, que a liberdade (Marx, inclusive, dizia "a anarquia, que ele apresentava como ideal de perfeição humana") viria após o desaparecimento do Estado. A ditadura foi, pois, anunciada como medida passageira. Bakunin responde:

"Declaram que a tal ditadura do jugo estatal é meio transitório inevitável para alcançar a emancipação integral do povo, a Anarquia. A Anarquia, ou a liberdade, é o objetivo: Estado, ou a ditadura, o meio. De modo que para emancipar as massas laboriosas é preciso começar por escravizá-las".

Toda essa análise lhe permite concluir:

"Não é claro que a natureza popular do poder será sempre uma ficção? Se os trabalhadores, inclusive os operários industriais aderirem a esse programa estatal, após curto momento de liberdade ou orgia revolucionária, os cidadãos do novo Estado despertarão escravos, joguetes e vítimas de novos ambiciosos, pois toda a ditadura não pode ter por objeto senão" sua própria perpetuação, nem pode infundir e desenvolver no povo sofredor nada mais que escravidão".

Aplica-se a toda e qualquer espécie de república, sobretudo àquelas com que sonham os socialistas autoritários esta frase lapidar e, igualmente profética:

"Na República, o suposto povo, o povo legal, o que se supõe encarnado no Estado, afoga e afogará sempre o povo real. Mas nenhum alívio para o povo decorrerá de ostentar o garrote, ajustado ao seu pescoço, o nome de GARROTE DO POVO."

(1) As partes grifadas foram citadas das obras completas de Bakunin, tomo V.

CURSO DE LITERATURA

PROF. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

de literatura. Nesse caso, acham-se quase todos os contos que foram dados à estampa, durante o ano transacto, no Brasil".

4. Na exposição de Araripe, os caracteres específicos, digamos assim, foram firmados, porém cumpre, a bem da clareza, discriminá-los e, sobretudo, completá-los.

O primeiro característico atribuído ao conto é a síntese. Isso o distingue realmente da novela e do romance. A análise prepondera nos dois últimos, análise de ambientes, análise de tipos, análise de situações. No conto, o ambiente único, ou quase único, visa à exposição de uma situação única. Num dos contos mais perfeitos de Machado de Assis: Um homem célebre, em várias histórias, tipo único é Pestana, o poluista. Os demais são comprimários da comédiazinha supertrágica. A situação única resume-se nessa análise, em alma impetuosa, de criar, impeto de bater asas em quem possui apenas cotas. Pestana quer ser gênio em música, mas não sabe além da polca.

Na triplíce síntese opera-se a unidade fundamental desse conto. Por isso, insiste Araripe no seu caráter monocêntrico oposto ao caráter sincrônico do romance. O conto exige um só ambiente; o romance, múltiplos. Nesses vários ambientes surgem vários tipos, várias histórias, vários enredos, vários desfechos. No romance opera-se a unidade pelo entrelace dos dramas, pelo sincrismo de sua marcha, pelos entrecosques de personagens, tipos e fatos, pelo tom geral da época, do meio, dos relatos, até do estilo.

5. Araripe assinala, com rara felicidade, na seqüência do conto, sua feição linear. O desenvolvimento sincrônico do romance faz-se com desvios, paradas, reinícios, parênteses, assomos de personagens, sumiço de outros. Isso por ser o romance um travamento de dramas, cada qual com seu epicentro. O romance representa a vida complexa e enlaidada, normal por vezes,

flagrantemente anormal outras. O conto não representa a vida, senão um episódio, melhor, acidente da vida, acidente cômico ou trágico, monstruoso ou ingênuo, grotesco ou místico e, excepcionalmente, sublime; mas, acidente.

Este aspecto fundamental escapou a Araripe Junior. O acidente Pestana, em Um homem célebre está isolado de todos os mais acidentes da vida. Só ele avulta na preparação anatômica do escalpelista. O essencial é que o acidente interesse, seja ou nos pareça realmente um caso, considerando-o pela novidade, pelo repente, pelo engraçado, pelo trágico e determinado sucesso. A não ser assim, teríamos uma cena qualquer, mas não teríamos um acidente.

6. Distingamos, literariamente, o acidente, do incidente. O incidente cabe nas notas de polícia ou nas reportagens alvoroçadas. Nos Mixuargos, último livro do nosso maior regionalista, Valdomiro Silveira, o primeiro desses chamados contos não chega a ser conto. É mera cena. Marica e Josefino estão se declarando, mas Josefino alude a um tal Antonico da Ponte que arrasta a asa a Marica. Marica protesta mas, de repente, entreve, nas fendas dos pranchões da tulha, os olhos de Antonico a espreitar os namorados. Josefino, furioso, corre para Antonico e este fuge. Falta, para ser conto, o relêvo característico do acidente. Ou se releve um tipo, ou uma situação, ou um conceito moral, ou uma ação sobrenatural. Em Um homem célebre, salienta-se a incapacidade do mediocre anelando por grimpar a gênio, essa impossibilidade congênita resumida por um sambista nos conhecidos versos:

Quem se quer fazer não pode
Quem é bom já nasce feito.

7. Repare nos contos da segunda fase machadiana. Todos eles tem esse relêvo orgânico.

Tanto mais valioso o conto, quanto mais frisante, original, exato esse relêvo. O conto perfeito valoriza esse ressaltado com a beleza gramatical, isto é, a correção; com a beleza estética, digamos, o estilo; com a beleza filosófica ou o pensamento simbolizado no desfecho; com a beleza técnica, ou seja, a segurança no traçar e encadear as cenas, no mover e aviventar as personagens, no desenvolver os episódios, na gradação do desenlace até o climax.

(Continua na 3.ª pag.)

CONTRA A GUERRA OS ESTUDANTES URUGUAIOS: PROMOVIDO PELA FEDERAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITARIOS DO PROTESTO CONTRA O ACORDO MILITAR ENTRE OS EE. UU. E O URUGUAI. AFIRMANDO MAIS UMA VEZ SUA INCONFUNDIVEL POSIÇÃO CONTRA O IMPERIALISMO YANKEE E O RUSSO E PELA REVOLUÇÃO SOCIAL, OS ESTUDANTES URUGUAIOS ASSINALAM A ÚNICA POSIÇÃO DIGNA E INTRANSIGENTE QUE DEVEM ADOPTAR OS ESTUDANTES LIVRES DO MUNDO INTEIRO.

ESCOLA NOVA E ANARQUISMO

Por CLARA LUZ

A nós anarquistas, proporciona imensa satisfação verificar que os pedagogistas modernos proclamam conceitos anarquistas que poderão ser brevemente aplicados nas escolas. Embora eles não tenham a audácia de negar o valor do Estado, nem hajam chegado à conclusão de que o Estado só causa prejuízos, creio que, no dia em que a Escola Nova for aplicada mundialmente, já se terá dado grande passo para a Anarquia.

Sim, porque justamente os métodos modernos de educação visam a criar indivíduos conscientes, procuram dar ambiente propício ao desenvolvimento de todas as faculdades individuais e todos os esclarecimentos exigidos pela curiosidade infantil. Assim sendo, um indivíduo educado numa escola moderna, será, sem dúvida, um indivíduo equilibrado, sem recalque, conhecedor, do seu valor individual e que pode dar expansão a grande parte das suas necessidades. Além disso, ele viveu num ambiente de muito amor, carinho e simpatias humanas, num ambiente onde a "plena liberdade" é o característico primordial e aprendeu o valor da ajuda mútua porque trabalhou sempre em cooperação na escola.

Entre tais indivíduos que saberão dar valor à liberdade porque já fizeram uso dela, seria impossível, por exemplo, encontrarem apoio as idéias nazistas, hoje tão aclamadas pelos estudantes. Nem poderia satisfazer a criaturas cuja individualidade foi desenvolvida e respeitada na escola, um regime socialista tipo bolchevista onde os indivíduos não passam de números num grande rebanho.

Não resta a menor dúvida de que a educação autoritária, que os jovens continuam recebendo nas escolas, elimina toda noção de responsabilidade, criando o conceito falso de que só por meio da força não se tornará o indivíduo nocivo. Eles não podem com-

preender que se possa viver sem governo, sem polícia, sem exército pois acostumaram-se a ser fiscalizados em todos os seus atos. E vêem na ditadura, o ideal para uma sociedade que, segundo eles, necessita de mão de ferro para não sair do eixo.

Além disso, nos programas atuais, procura-se apenas atulhar os alunos de conhecimentos ou dar-lhes um curso técnico. Não há a mínima preocupação da cultura artística, nem o menor interesse em desenvolver a sensibilidade do indivíduo. Pelo contrário, tão áridas se tornam as poucas aulas de música ou de literatura, que os alunos, salvo as exceções, tomam pavor a tais assuntos.

Da mesma forma, raros são aqueles que adquirem o hábito da reflexão e da leitura por falta de orientação pedagógica.

O resultado disso tudo é o domínio da mediocridade, a falta de sensibilidade para apresentar o que se passa em torno de nós, a vulgaridade em tudo.

Não existe, nas criaturas educadas em tal sistema, o anelo de cultivar a individualidade. A única preocupação consiste em acumular riquezas e poderes e alcançar posição saliente na sociedade. Em tais condições, o problema da liberdade não encontra defensores, pois, para isso, é necessário que os indivíduos compreendam sua posição na sociedade e almejem desenvolver incessantemente suas faculdades harmonizar-se interiormente, integrar-se em si mesmos.

Somente com a renovação dos métodos educacionais poder-se-á sanar o mal.

Nós, anarquistas professores, estamos num grande campo de batalha. Devemos lutar pela introdução da Escola Nova em todos os colégios pois assim estaremos preparando ambiente para propagandas futuras.

APÊLO DO MOVIMENTO ANARQUISTA COREANO

● COREIA — O Movimento Anarquista Coreano enviou a seguinte carta:

Queridos companheiros:

Como sabeis, grande parte de nossas cidades e povoações foram destruídas no curso da guerra imposta pelos agressores comunistas. Por causa da guerra, muitos de nossos jovens companheiros foram vítimas dos comunistas e de outras forças. Não obstante, o companheiro Youri, representante da Federação Geral dos Anarquistas Coreanos e outros companheiros estão, na qualidade de refugiados, em PUSAN, porto meridional da Coreia, onde continuam a luta pela libertação do povo coreano e do mundo.

A amarga experiência da luta deu aos coreanos uma consciência que os coloca contra os comunistas e também contra os capitalistas. Esta posição não é resultado de uma teoria abstrata, porém deduzida dos fatos concretos. Estamos orgulhosos do progresso do povo coreano ante todos os povos do mundo. Nós lutamos por melhor porvir e, apesar da guerra e dos numerosos obstáculos, nosso Movimento Operário e Camponês continua lutando e progredindo.

Companheiros! esperamos vossa ajuda positiva. Desde o princípio da guerra estamos isolados. Rogamos que deis a conhecer a todos estas notícias e especialmente as aspirações do povo coreano.

Companheiros! o povo coreano espera vossa ajuda. Vossa solidariedade para as crianças será bemvida, inclusive as mais pequenas coisas como um lapis, um caderno, um vestido usado etc. Estes donativos nos darão coragem e facilitarão nossa penetração no seio do povo.

Os donativos deverão ser enviados para E. CAVAN 145, Quai Valmy. PARIS (X) FRANÇA

O CONGRESSO EUCARÍSTICO NEGRO DE BARCELONA

Por CRISTOBAL GARCIA

(Especial para AÇÃO DIRETA)

Terminou o 35.º Congresso Eucarístico negro dos Cruzados que melhor poderíamos denominar Comício da Vingança e que se deveria ter celebrado com mais amplitude, na muito católica e mártir cidade de Budapest. Falando ela, celebrou-se, este ano, na que foi impia Barcelona, expressamente escolhida como lugar de concentração católica mundial.

As disposições adotadas pelas autoridades franco-jalangistas, em torno desse Congresso negro, não logrou o apetecido êxito, quanto à propaganda da Ditadura, dadas as proporções que o antecederam.

Ao esplendor das festas e à aglomeração de peregrinos, não se casou o entusiasmo, a participação geral dos humildes, dos trabalhadores de fora e de dentro da capital catalã e sua periferia industrial. A grande maioria da população permaneceu afastada dessas cerimônias transferindo-se para o campo ou permanecendo em casa. A chegada do Caudillo à cidade dos Condes caracterizou-se pelo completo vazio do povo. Não há dúvida que a ele assistiu grande multidão de peregrinos recrutados em toda a Espanha, polícia, militares, jalangistas e outros perseguidos da nobreza, favoritos do regime, por exemplo, o filho do governador civil de Barcelona que foi um dos ordenados cavaleiros do Santo Sepulcro!

Para a celebração de tão magno Congresso Eucarístico dos negros Cruzados, ergueu-se uma antiestética cruz de 35 metros de altura, colocada no epicentro da Praça de Catalunha e um altar monstruoso, edificado ante a embocadura da estrada de Pedralbes. Tudo com a presença de uns trinta cardiais, trezentos bispos, curas, frades, monjas histéricas e a correspondente romaria dos deslocados de vários países.

Para essa construção foi previsto um orçamento inicial de trinta milhões de pesetas para fazer frente às despesas exigidas por tão magno Congresso. Para tanto, mobilizou-se, em redor do Congresso dos negros Cruzados, a Espanha oficial do caudillo Francisco Paulino Hermenegildo Teófilo Franco Bahamonde, pois assim o batizaram com tal rosário de santos.

Os sindicatos verticais do Proletariado Catalão encabeçaram a lista de subscrição para a dita causa, com cem mil pesetas que, sem dúvida, saíram das costas dos trabalhadores dos quais se concede a mercê de sete dias de sueto para obrigá-los às procissões, sem perdoar-lhes os descontos, preparadinhos para quando venham as férias. Por ordem superior, cerraram-se fábricas, oficinas e comércio, ameaçados os recalcitrantes com multas de cem pesetas, caso não adorassem as janelas.

Mui perto da Diagonal, a poucas centenas de metros, procedeu-se à derrubada de um povoado de barracos pertencentes a trezentas famílias. Destas só sessenta conseguiram acomodar-se. As demais, menos felizes que o primaz Tedeschini, foram forçadas a refugiar-se no desmantelado Palácio das Misésses.

Nem falem das repressões que, por motivo da anunciada visita de sua Excelência o Caudillo Franco, o das mãos vermelhas, a Barcelona, se levaram a efeito. Todos os obreiros da cidade condal sofreram vistorias diárias. Houve três mil detenções, mantidas; mais de cem mil soltos condicionadamente com diário comparecimento à delegacia policial do distrito respectivo, enquanto durasse o mais esbanjador Congresso na história memorada.

O chefe de polícia Rodrigues Albert pediu a Madrid forças adicionais. Elevou-se a mais de trinta mil o número de jalangistas, reunidos entre os de

Catalunha e o resto da Espanha. Todos com carta branca e mil e setecentos carlistas e sacristãs atuaram como zeladores do Congresso, cargo equivalente ao de polícia provisional.

Prevenido a possível vinda de forasteiros com intenções terroristas, a polícia impôs aos donos de hotel e albergarias, o darem notas das entradas e saídas de viajantes duas vezes por dia, com indicação de que seria severamente punido o que não cumprisse tais exigências.

O mais vergonhoso do caso foi a solicitação de católicos e carlistas, presididos pelo bispo de Barcelona, monsenhor Modrego, às autoridades para que proibissem durante as festas do Congresso, qualquer excursão ao campo, às praias ou à montanha, para assim evitar a deserção em massa da população catalã.

A cidade dos condes viu, nesses dias, invadidas as ruas pela multidão de cardiais, bispos e católicos internacionais que visitaram e contemplosam as igrejas e conventos queimados durante a guerra civil e em parte reconstruídos pelo caudillo e que sentiram fundir-se-lhes as pedras de satisfação e orgulho. Comeram a toda hora pão benito e hostias consagradas a toda pano porque traziam grana para isso.

Nem lhes acudiu ao bestinho que, nos lares humildes dos obreiros, escasseia o pão com ou sem racionamento; que o padrão de vida dos trabalhadores se mantém, com ou sem Congresso, no vértice da tuberculose.

Essa foi, em traços largos, a obra-prima dos novos Cruzados negros no 35.º Congresso Eucarístico, celebrado na cidade condal, em junho de 1952.

O clero espanhol saborearia sua concebida vitória. Em Espanha, novamente reinam e dominam — por agora — a scitaina e o hissope, a heresia daqueles tempos, de lígubre memória, de Filipe II, o Inquisidor, de Torquemada, de Arbus, do padre Mariana, de Cisneros e de Frei Bartolomeu de las Casas.

A Igreja Espanhola, com esse Congresso negro, dirá ao mundo: "Enfim, triunfamos e vencemos nosso inimigo comum". E a Igreja Espanhola nem pensa em que, por seus crimes, fanatismo, violências, intolerância e tãc despótica e intransigente dominação, lhe pode chegar o dia, não muito longe, em que o povo espanhol se arremesse contra a peste negra dos novos cruzados e pregue, ao mesmo tempo, nas paredes fumegantes de suas igrejas e conventos, um selo que diga: "Aqui, a justiça do povo por ladrões".

EDUCAÇÃO DAS MASSAS

Samuel Dourado Guerra, educador piauiense, em memorial dirigido ao Congresso (conforme reportagem de A Notícia) pede auxílio para construção de prédios escolares bem como uma subvenção federal para o Instituto Educacional e a Associação de Proteção à Infância de que é fundador; e alega — "o brasileiro do interior infelizmente continua, como há séculos, abandonado em suas roças, vítima da indiferença dos que nos governam."

Creio que o método pedagógico perde o seu tempo insistindo no que já é do conhecimento de todos: o drama, a miséria e a fome que arrasa o interior do Brasil, e o perde duplamente apelando para os únicos que podem tirar proveito da ignorância e da miséria: os Políticos, astutos "representantes" dos socialmente fracassados. O que o jovem educador e nós também combatemos é precisamente o que eles defendem como representantes do Estado: a ignorância e miséria dos governados. Assim, o brasileiro do interior não é vítima da indiferença dos que nos governam, pelo contrário, é vítima da exploração e da extorsão dos que o dirigem. Se estes fossem indiferentes, estes é que morreriam à mingua e não aqueles.

A quem vive à custa do nosso trabalho não devemos curvar-nos para pedir, cabe-nos sim exigir! Esse é o problema.

Perguntar-me-ão agora: "Como poderá exigir quem mal soergue a cabeça e nada entende das leis?"

Eis o trabalho, respondo-lhes, que compete a quem sinceramente, como esse professor talvez, procura levar a luz às trevas... Quem produz acumula forças na sua produção... e esta é o suficiente para nos fazer exigir. Isso deve saber todos os que produzem. Nequem eles o produto do seu trabalho aos que os governam, rebelem-se contra os que os exploram e não trabalhem senão para si, e logo as cousas se invertem e providências de outra ordem serão tomadas.

Arma de quem explora é a espada e a lei, a dos explorados é a posse do que produzem. Os que esse problema complicam são os inimigos do povo, parasitas e demagogos.

Mais reflexão, professor Dourado Guerra! E ação direta, amigos nordestinos.

NEIVA SOBRINHO

A FUNDAÇÃO DA CASA POPULAR

Quando o governo cria órgãos populares, de assistência, instrução e o mais, cria, de fato, um centro parasitário, um ninho de aproveitadores, vadios, da riqueza nacional isto é, dos trabalhadores.

Exemplo novo e recente nos dá a Fundação da Casa Popular. Quem no-lo diz é o deputado Armando Falcão.

Com algarismos eloquentes, demonstrou o sr. Falcão que, sem nenhum serviço aparente, foram admitidos vários engenheiros, funcionários de outras repartições com horas extraordinárias, de modo que, entre as folhas de pagamento de janeiro e maio, há um acréscimo de 464 contos. Houve, além disso, altas gratificações mensais, de 10 a 13 contos. Em junho, já estavam esgotadas as verbas de material, consumo e utensílios, a primeira de 400 contos e a segunda de 540.

Vai por aí a fora a série de irregularidades apontadas. Tais foram, que mandou o governo abrir rigoroso inquérito. Como todos os inquéritos ficam esse por isso mesmo.

E as roubalheiras continuam! Continuam porque o trabalhador ainda se ilude com políticos e governantes sem pensar sequer que eles são e serão seus piores inimigos.

Resumindo, assinalo os seguintes característicos do conto: a) ser sintético b) ser monocêntrico ou linear c) dar relevo a um acidente interessante da vida.

8. Tratemus agora da fábula. Incluir-se-á no conto? Para resolver a questão, devemos de falar, primeiro, nos chamados contos morais. Raros poderiam revelar os três caracteres do verdadeiro conto. E' bem certo que são sintéticos; mas, a anedota ou a mera cena também são sintéticos. E' monocêntrico; mas, a anedota é também monocêntrica. O que, porém, os contos morais não exprimem é um acidente interessante da vida. Não exprimindo um preceito preconcebido, muita vez falso e contestável. Ao contrário desses, os contos fantásticos, embora versando assunto ficcional, eam em aquele universo imaginário que nós criamos e que para a criança em nós viva sempre, tem algo real. Muitas histórias da carochinha são, nesse modo de ver, contos perfeitos. Quando, no entanto, a afabulação tem por mira, apenas, ilustrar um adágio, deixa de ser conto e cai ou na anedota, ou no mero apólogo. E diferencemos, desde já, fábula e apólogo. A verdadeira fábula, como irei mostrar, é puro drama, drama curtíssimo dentro do qual, o preceito do apólogo se faz acidente interessante da vida. Quando a fábula não atinge esse nível é simples apólogo ou anedota. Vamos explicar isso.

9. Há fábula e fábula. Há fábulas de Esopo e Fedro e há fábulas de La Fontaine. As primeiras são meros apólogos ou anedotas; as segundas, passaram a contos, embora algumas se mantivessem anedotas morais.

Realmente, contrapostas às de La Fontaine, as fábulas dos mestres antigos pareciam mero esboço.

Eles notam a idéia, sugerem o enredo e assinalam a moralidade. O francês, porém, toma esse arcabouço, pinta e arma o cenário, veste as personagens, marca as cenas, ilumina o palco, enche a plateia, diverte-a, arranca-lhe palmas entre risos e comentários sérios.

10. A fábula, como a fez La Fontaine, é uma peça teatral variada, misto de tragédia, comédia, revista, pantomina e fantochada. Todos os aspectos do mundo e da vida, todos os tipos humanos, animais, vegetais, minerais, mitológicos, vêm representar

CURSO DE LITERATURA

(Continuação da 2.ª página)

nesse tablado, falando, chorando, morrendo, rindo, agitados pelos cordéisinhos do grande ensalador.

11. E' que a fábula obra de arte impõe seis condições imprescindíveis, falhando uma das quais, se anula ou depercece irremediavelmente na fábula.

Essas condições são: a) cenário; b) afabulação; c) consubstanciação de um acidente interessante; d) estilo; e) graça; f) variedade. E' bem certo que a graça e a variedade são qualidades de estilo; porém, cumpre aqui ressaltá-las como qualidades indispensáveis.

Realmente, nosso espírito curioso quer saber onde se passa o dramito, quer um lugarzinho nas bancadas, ver as personagens, ouvi-las, rir ou chorar com elas. Lessing, no prefácio às suas Fabeln, combateu-lhes essa feição querendo-as, a fina força, reduzir ao fato e à moralidade. Resultam disso fábulas secas, estorricadas, meras anedotas morais, sem corpo e sem vida.

Depois do cenário, o enredo. Todos nós somos ávidos de casos: o caso da formiga e da cigarrã; o caso do corvo bobão; o caso da raposa e da cegonha. Todavia esses casos estão nas fábulas de Lessing e há casos nas anedotas. Falta-lhes a estas, porém, a consubstanciação, nesse episódio, de um aspecto interessante da vida. Note-se, por exemplo, essa vida palpante na fábula Les animaux malades de la peste ou na Le meunier, son fils et l'âne. Caracteriza a fábula o tornar esse acidente uma sentença instrutiva, ou crítica a um mal social, ou delação de um vício, ou advertência a incautos.

Quanto ao estilo, há de o fabulista, achar-se enfiado em todos os gêneros. Para o cenário, cumpre-lhe saber a fundo a descrição, de interior, de paisagem ou de tipo. Há de ser narrador de variada feição, grave na história, facetado na comédia, vivo se conta lutas, rápido nas seqüências de episódios, pois na fábula, tudo é breve, acidentado e limpo. Há de ser dissertador pois é moralis-

ta, condensa provérbios, formula aforismos, equilibra juízos, raciocina, argumenta nos diálogos, arma silogismos, discursa, advoga.

Como o papel da fábula é entreter, uma de suas qualidades é a graça de que já tratei numa lição especial.

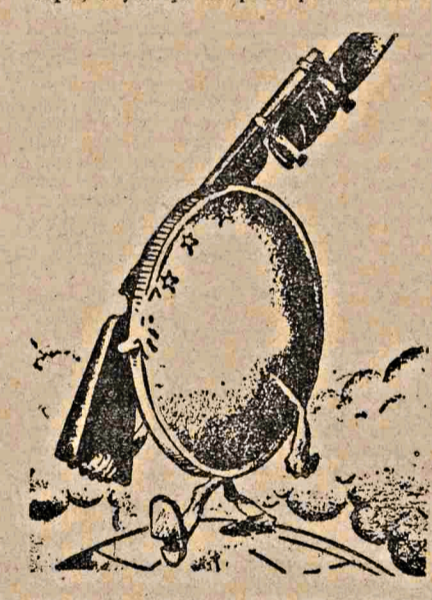
Finalmente, a variedade é indispensável. A volta das mesmas figuras embota a atenção. Ver novos tipos e aguçam os olhos à guarnizada. Cada fábula, há de ser sempre única, isto é, ser assunto inconfundível. La Fontaine tem fábulas parecidas na conclusão ou na afabulação e nisso pécoro.

12. Para redourar o gênero, importa seja em verso a fábula e em verso livre. A prosa é rígida e, segundo Taine, o metro e as rimas dão, a cada aspecto, maior unidade e mais encanto. Lessing, defendia a prosa na fábula por ser, dizia ele, mais natural, sem compreender como perde em graça. Por isso mesmo, o verso regular não vale, na fábula, o verso polimétrico. Este é mais vivo, menos solene, digamos até, mais brejeiro e isso tem grande importância.

13. Para terminar, menciono um último aspecto essencial da verdadeira fábula: sua localização. A fábula deve ser espelho do país e da época do autor. Sob a máscara dos mimantes, há de ser o homem com seus ridículos, a sociedade com suas injustiças, a civilização com seus absurdos, o tema obrigatório. O êxito e superioridade de La Fontaine consistiu principalmente em desdenhar o convencionalismo da linguagem cortezã e haurir, no vocabulário popular, os termos usados pela sua gente. Desse modo, suas fábulas são essencialmente francesas, ao passo que as de Lessing são anedotas morais de qualquer país. O primeiro aliou a universalidade dos conceitos à particularização do drama; o segundo, à força de querer ressaltar muito a moralidade, reduziu a fábula a anedota, sem cenários, figuras avivadas, graça efusante, musicalidade poética.

Por tudo isso, a verdadeira fábula à La Fontaine tem as qualidades do conto e as finalidades do apólogo. Podemos chamar-lhe um conto apológico.

(1) A partir do n.º 27, houve enganos na numeração dos pontos. O de hoje corresponde ao n.º 31 e não 33. A seguir: Ponto 32: Histórias. Folclore. Narrativas infantis.



NA BULGÁRIA Situação Gravíssima

Comunica-nos a Comissão de Auxílio aos Antifascistas da Bulgária.

Eis as notícias recém-chegadas. A preparação intensiva da guerra exigiu uma reforma monetária — a segunda desde 1947 — efetuada aos 12 de maio de 1952. Essa reforma representa verdadeira espoliação das massas populares. Todas as economias foram açambarcadas desse modo. A nova alta de preços que a seguir permitiu ao capitalismo de Estado furtar mais uma vez a classe operária e os camponeses.

Tal descontentamento reina na população, que o Governo se vê por agora impotente para recorrer às repressões em massa. Após os telegramas de felicitações e reconhecimento enviados de toda a parte por ordem do Partido Comunista, enviam-se agora milhares de protestos escritos e numerosas delegações afluem à comissão central do Partido Comunista e ao Conselho de Ministros lamentando a miséria provocada por essa reforma.

O país defronta uma catástrofe econômica e financeira completa. Em vez da esperada estabilização da moeda, manifesta-se rapidíssima inflação.

Basta um exemplo para mostrar as desastrosas consequências dessa reforma. Um diretor, alto funcionário do Estado, com 40 levas por dia, casado, com três filhos, tem as seguintes despesas: casa, água, eletricidade: 4 levas; pão, 71,80; leite, joghurt, 4 levas; legumes, frutas, outros produtos alimentares 15 levas. O resto do salário deve servir para obter carne, sabão, roupa e satisfazer as demais necessidades. Para viver decentemente cumpre... furtar...

Para desviar a atenção, procede o Governo à distribuição de condecora-

ções e títulos honoríficos. Os jornais estão cheios de listas de condecorados; mas, ainda aí, não falta a hipocrisia. Assim, o velho agrônomo Jeko Tcholakoff só recebeu uma decoração póstuma depois de haver sido moral e materialmente esmagado pelo regime. E, mau grado essa decoração, sua esposa não é admitida no trabalho e sua família permanece na miséria. As famílias dos nossos companheiros dos campos de concentração acham-se no mesmo caso.

A vida nos campos de concentração prossegue insuportável. Nosso companheiro, dr. Baleff, recusou exercer sua profissão no campo de Peryan porque não reconheciam as prescrições de repouso nem de medicamentos dos doentes internados. Preferiu partilhar do penoso trabalho penitenciário dos demais internados a desonrar-se exercendo medicina policial.

No mesmo campo, outro companheiro, o jornalista Cirilo Karanoff caiu gravemente enfermo e permanece no leito, há meses, aguardando a morte.

Enfim, o companheiro Yvan Yondef, sapateiro de Kunstendil, internado desde dezembro de 1948, foi morto no fim de maio por se haver recusado a assinar uma declaração humilhante. Sua família — mulher e filho — só foram avisados de sua morte, um mês mais tarde e, quando seu irmão solicitou porrações à milícia, teve, como resposta, isto: "Se quiser saber mais, irá para junto dele".

Nessas condições, todo o povo búlgaro e sobretudo os numerosos perseguidos que morrem lentamente nos campos de concentração e nas prisões, têm, mais que nunca, necessidade de auxílio moral e material do mundo livre.

MOVIMENTO LIBERTÁRIO MUNDIAL

Informe fornecido pela C.R.I.A.

● **GUATEMALA** — Devido à intensa campanha nacionalista, assim como à feroz perseguição movida pelo ditador Trujillo, o movimento anarquista passou a atuar clandestinamente. Vários companheiros foram obrigados a mudar de residência, para fugir à tenaz perseguição. Há enormes possibilidades de vertebrar nosso movimento para fazer oposição à tirania reinante. Contamos com elementos jovens e decididos para a importante tarefa.

O clero exerce considerável influência no povo de Guatemala e os comunistas, seguindo a linha do Kremlim, se limitam, quais papagaios, a repetir as velhissimas senhas antimeritistas.

● **HOLANDA** — Neste país existe a organização denominada Grupo Holandês dos Socialistas Livres que editam um periódico quinzenal "Vrije Socialist" e uma revista, "Plutarco", assim como folhetos e livros. A organização compõe-se de sete grupos bem estruturados e uma infindável quantidade de companheiros que preferem atuar à margem da organização. Efetuam anualmente um congresso e cada grupo tem um representante no Comitê Nacional. Nosso movimento exerce boa influência nos meios antimilitaristas. Efetuam-se reuniões e conferências com inteira liberdade, nas quais são expostas idéias e métodos de luta operária à margem dos partidos políticos.

Prevalece na Holanda a monarquia constitucional e, por ordem de importância, os partidos classificam-se em: Católicos, Socialistas, Stalinistas, Cristãos e Liberais.

Nossa organização defende o ponto de vista da luta organizada pelos produtores e consumidores e propaga os métodos de ação direta.

Existe ainda a União dos Socialistas Livres que se opõem a toda forma de organização. São os sucessores do grande anarquista holandês Domela Nieuwenhuis.

O Movimento da Juventude Independente está contra todo os partidos políticos e orientado nos princípios anarquistas.

O grupo holandês de reforma sexual, com 55.000 membros, ataca a moral sexual burguesa. É independente de toda tendência política. Seus meios e fins são anarquistas. A animadora é Enriqueta Roland, grande poetisa. Esta organização tem como lema "o indivíduo livre dentro da sociedade livre".

COMO MORRERAM NOSSOS COMPANHEIROS NO CAMPO DA BOTA

As doze da noite de quinta-feira, dia 13 de março, entraram em capela (1) os cinco companheiros Adrover, Pons, Urrea, Amir e Pérez Pedrero. Só três dos quatro advogados defensores estavam presentes. Um advogado civil, dois advogados militares e dois capitães. Achavam-se, ademais, na citada hora, no Cárcere Modelo de Barbacena, as autoridades judiciais e as do cárcere. Reforçara-se a guarda do estabelecimento com elementos militares.

Não podia faltar, em tal circunstância, a nefasta presença de curas e monjas, ativamente açodados por surpreender, em qualquer dos companheiros, um segundo de debilidade. Apesar dos esforços e incessantes vaivéns, falando aos condenados, solicitando intervenção dos guardas do cárcere e também a dos advogados, não conseguiram que os companheiros a eles se dirigissem senão no tom de quem se acha acima do insulto. Todos e cada um dos réus negaram qualquer necessidade de seus serviços, fazendo-o calma e serenamente.

É de um deles a seguinte resposta à insistência de um religioso: "Minha consciência, forjada na liberdade e pela liberdade, constitui o melhor juiz confessor que eu possa desejar e, no meu íntimo, está latente a segurança de que deixo a vida com o limpo comportamento de um militante que dá tudo pela humanidade de amanhã".

O companheiro Urrea, dirigindo-se aos chacais da Brigada Social, declarou:

"Matam-me pelo único delito de ser membro da C. N. T. Vosso chefe Quintela prometeu trabalhar até obter minha morte. Atrás de mim, atrás de nós todos, outros muitos lutam e outros muitos virão lutando por aquilo por que eu e meus companheiros lutamos: PELA LIBERDADE DO POVO ESPANHOL!"

Outro dos companheiros disse com toda a calma e serenidade: "Não vos tenho nem posso ter o menor rancor; inferiorizar-me-ia. Sois simples e inconscientes instrumentos de um regime que, por injusto, é criminoso e ruim. Sois assalariados que, não conhecendo o sabor da palavra dignidade, fardéis, com vossas próprias mãos, o que a nós fazéis: prender, espancar, torturar, condenar e depois chasquear, só porque assim vos ordena quem vos paga".

Os cinco companheiros confiaram a seus advogados alguns encargos para suas famílias antes de saírem do Cárcere Modelo, com grande serenidade que um dos presentes qualificou de inexplicável.

Eraram as seis da manhã quando chegou a comitiva à praia do Campo da Bota. Os cinco homens da C. N. T.,

1) Entrar em capela é recolher-se o réu, após a notificação da pena de morte, à capela da prisão ou a um local transformado em capela para aí receber assistência religiosa. Não havendo no Brasil pena de morte, não conhecemos tal andança.

autoridades judiciárias, carcerárias, advogados, grande custódia de policiais, o pelotão assassino (50 carabineiros) e... os agentes da Brigada Social que desejaram, com sua presença, infligir um último insulto a nossos companheiros. Tal qual no cárcere, em vários semblantes ali presentes, lia-se íntima, porém forte repulsa a tanta baixeza.

As seis e um quarto da manhã consumou-se o ASSASSÍNIO! Porém, se é que nas pessoas resta um mínimo alento de amor à humanidade, ou um átomo de ombridade, nessa noite de 14 de março de 1952, não dormiram nem juizes, nem advogados, nem autoridades, nem... os agentes da Brigada Social, porque, nessa madrugada, no Campo da Bota, cinquenta baías fratricidas deram, em sua corrida até os corpos de nossos companheiros, cinco bem claros gritos de sangue e heroísmo:

Atrai aos peitos!
Morram os verdugos de Espanha!
Vivam a C. N. T. e a F. A. I.
Viva a liberdade!
Viva a anarquia!

Os verdugos viram-se obrigados a disparar três tiros de misericórdia a três heróis que ainda se retorciam.

A integridade, a pavorosa integridade, como dissera alguém, desses cinco homens, mantida desde o começo das torturas inumanas até a aurora sangrenta que, no Campo da Bota, lhes viu a eliminação, deixa, no ânimo de todos a infinita decisão de lutar por aquilo mesmo por que tomaram nossos cinco companheiros e pelo que, ainda que outros mil caiam, continuarão os libertários lutando: PELA LIBERDADE.

Comitê Nacional de Espanha da C. N. T.

Espanha, 15 de março de 1952.

COLÉGIO DO AR
RÁDIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
AULAS DE PORTUGUÊS ministradas pelo nosso companheiro Prof. José Oiticica.
Horário: 2.ª e 6.ª feiras às 8 horas. 3.ª e 6.ª feiras das 19 às 19.30 horas



LITERATURA SOCIAL

Anatomia da Paz, Emery Reves	20,00
Idéias Absolutistas no Socialismo, Rudolf Rocker	15,00
Eu creio na humanidade, Ferreira da Silva	20,00
A doutrina Anarquista ao alcance de todos, José Oiticica	18,00
Poetriação Racional, Marie C. Stopes	20,00
Em Espanhol:	
Estampas del Exilio em América, J. Peirats	25,00
La crisis del socialismo, J. García Pradas	12,00
Romancero de la Libertad, Gregorio Oliván	13,00
Na Revolucion y el Estado, García Pradas	17,00
Páginas Selectas, Multatuli	10,00
Antologia de Pensamentos Gonzales Pradas	10,00

Pedidos à Livraria Minerva, rua Cristóvão Colombo, 16 — Porto Alegre Rio Grande do Sul

Atende-se pelo Reembolso Postal

O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

Por RODOLF ROCKER

Tradução direta do alemão por D. Brito

ESPECIAL PARA "AÇÃO DIRETA"

te no decorrer de evolução ulterior, viriam a tornar-se cada vez mais claras. Até que se chegasse a isso, entretanto, havia-se constituído idéia fixa, a crença no poder mágico da industrialização, de forma que a maioria, só através de olhos de cores, via a realidade, perdendo toda a perspectiva dos resultados de uma evolução que pudesse conduzir a um abismo.

Havia uma como cegueira ante os resultados imediatos do capitalismo industrial. Estê dava a seus representantes possibilidades de, em pequeno lapso, juntar riquezas espantosas, em que, dantes, mal houvera sido dado sonhar. E era essa possibilidade que deslocava sucessivamente qualquer objeção séria às consequências previsíveis da nova ordem econômica. Levavam essas últimas à ilusão de que as novas condições econômicas poderiam ter solução de continuidade que através da industrialização pudesse somente fortalecer-se, mas nunca vir a ser abalada.

Demonstrou-se isso, principalmente, na Inglaterra, que permanecera no correr daqueles séculos afeudada única dos privilégios da revolução industrial. Renomeados representantes da nova escola econômica nacional do país, ali formada no decorrer da industrialização, acreditavam piamente poder limitar-se essa nova fase da vida econômica exclusivamente à Inglaterra. Punham totalmente fora de cogitação que, após a queda da monarquia absoluta na Europa, através de cujas loucas regulamentações e interferências, por séculos e séculos, houvera sido frustrado o adiantamento industrial, a industrialização viesse naturalmente a estender-se a outras nações, o que, certamente, só poderia acontecer às custas da Inglaterra.

Todos os esforços das classes dominantes da Inglaterra no sentido de oporem dique a esse evolvimento natural só podiam malograr-se, porquanto resistir a realidades arraigadas na própria natureza das cousas era algo completamente fora de perspectiva. A mudança ocorreu mesmo muito mais rapidamente que o pôde prever a maioria. Em 1870 couberam ainda à Inglaterra 32% da produção industrial. Ao estalar a segunda guer-

ra mundial, essa contribuição já havia decido ao índice de 9,2%.

Se esses alarmismos denunciavam algo, é isto: que o sonho de enriquecimento progressivo de um país através de sua indústria é somente ilusão nebulosa, que, mesmo nas melhores circunstâncias, não se pode sustentar. E isso tanto menos nas demais nações européias, quanto, ao começar a Grã-Bretanha sua grande experiência da industrialização, já dispunha de um império colonial espalhado por todos os continentes, este a supria por compensação irrisória, de matérias primas necessárias ao desenvolvimento de sua indústria, bem como dos meios de vida necessários à alimentação de seus habitantes. Nisso houvera ela contado com a grande vantagem de haver podido aparecer em primeiro lugar no campo da nova ordem econômica, o que, no decorrer de anos seguintes, lhe permitiu um avanço que, somente através da ulterior competição de outros países, veio a ser interrompido.

Além disso, foi a Grã-Bretanha favorecida por uma série de outras circunstâncias, que lhe deram possibilidade de fazer melhor uso de suas possessões coloniais, que o puderam os grandes impérios coloniais dos portugueses, dos espanhóis, dos holandeses e dos franceses, expandidos regressivamente após a descoberta da América. Dos esforços imperialistas dos italianos e dos alemães quase nada se pode dizer, porquanto tais países apareceram demasiado tarde no plano e tiveram de contentar-se quase somente com os restos, cuja produtividade de modo algum se podia comparar à dos outros. É certo que, das tão extensas, não pouco populosas possessões alemãs na África, somente a menor, a Togolândia, se podia bastar a si mesma. O que se podia fazer com os demais territórios limitava-se a defendê-los, na presunção de que deles se viesse a tirar compensação.

A Espanha não soube empreender nada nas suas gigantescas possessões americanas. Até mesmo os espantosos mananciais auríferos dali defluentes só contribuíram para despovalá-la quase metade, destruir sua dantes tão prodigiosa indústria e transformar em

desertos infrutíferos grande parte daquela terra que, até ali, fora tão laboriosamente cultivada. Não pôde, assim, evitar que a crescente insatisfação nas colônias tivesse expansão progressivamente maior, porquanto cansava manter na Europa um regime corrupto e parasitário. Perdeu assim a Espanha quase todas as suas ricas colônias que, dantes, a houveram ajudado a subir ao posto de primeira potência mundial.

Mesmo então, houvera tido o país possibilidade de renovar suas forças econômicas, pois a Espanha dispunha de ricos tesouros naturais, quais ferro, cobre, mercúrio, chumbo e muitos outros que, juntamente com o ressurgimento de sua agricultura, uma vez tão desenvolvida, poderiam fazer dela uma das partes mais favorecidas da Europa. Mas, a monarquia clerical, sua maldição histórica, estava tão carcomida moral e espiritualmente, que lhe tirou toda a perspectiva e entregou, por pura indolência, à empresa do capitalismo estrangeiro a exploração de seus tesouros naturais, ao invés de fazer deles uso ela própria. Aconteceu, assim, transformar-se a Espanha, economicamente, numa espécie de possessão colonial de corporações capitalistas estrangeiras, o que não podia suceder sem influir sobre seu desenvolvimento político e social.

Similarmente, desenvolveram-se as cousas em Portugal. A Holanda não pôde tirar de suas ricas colônias o que pôde a Inglaterra, por ser demasiado pequena e não possuir interior para desenvolver grandes indústrias como na Grã-Bretanha, o que, aliás, só foi possível, lá, com o sacrifício da agricultura. Assim viviam as classes possuidoras dos Países-Baixos quase exclusivamente das rapinas no Oriente distante, sem se darem ao trabalho de pensar no que adviria na hora de esgotamento dessa fonte de bem-estar.

Essa hora aí está; não somente para a Holanda, mas também para todas as nações europeias que se apoiavam em ricas possessões coloniais. A chamada política imperialista dos Estados europeus, da qual se lançou mão do modo mais forte no dealbar da nova ordem econômica, foi, através da industrialização, poderosamente im-

pulsionada, porquanto esta última se baseava no auferimento de matérias primas que não podiam ser encontradas no próprio território, bem como em novos mercados para colocação de seus produtos manufaturados. Os sinais de que tal situação não poderia sustentar-se por tempo indefinido, já se faziam sentir, cada vez mais fortemente, há alguns séculos. Do haverem sido eles tão pouco levados em conta, principalmente pelas camadas governantes ora à frente dos destinos dos povos, decorreu, em não pequena parte, o desencadear da pior catástrofe já desabada sobre a humanidade. Só os efeitos da segunda guerra mundial, e, acima de tudo, as impressionantes mudanças por eles provocadas na Ásia, o mais populoso dos cinco continentes, chamam qualquer pessoa ao corrente da situação atual à compreensão de que a época do colonialismo passou, e isso de uma vez por todas.

Com isso, entretanto, pôe-se sob luz inteiramente nova a cega crença na supremacia proeminente da indústria e na sua suposta missão como propulsora do progresso social, crença essa que, mesmo entre renomeados socialistas das diversas escolas, houvera assumido uma espécie de fatalismo irretróquível.

O fato de, nas mais importantes nações industriais, haver o nível de vida crescido não substancialmente, fez com que a maioria desconhecesse que essas conquistas da industrialização só podiam ser obtidas às custas dos chamados povos coloniais, os quais viviam, no mais das vezes, no pior abandono e, quase sempre, às bordas da fome.

Nesse momento em que uma mudança decisiva ia tomando forma, dissolveu-se também aos quatro ventos a ilusão de que a industrialização podia ter tal continuidade, que permitisse aos povos industriais um nível de vida cada vez mais alto.

A indústria pode fazer milagres, mas ela sózinha jamais poderá responder à mais importante de todas as questões: a da alimentação humana, a qual depende da sobrevivência de todo o edifício social humano. É essa questão que, sobretudo hoje, se põe à frente de todas as considerações, após a paulatina decadência da economia colonialista. Os resultados catastróficos de duas guerras mundiais na vida econômica total dos povos, mostram a necessidade inconciliável de uma nova relação entre agricultura e indústria, em cuja alternativa o caos em que nos encontramos poderá vir a constituir a maior de todas as fatalidades.